

14/4

Revista Médica de Minas Gerais

UMA PUBLICAÇÃO DA Associação Médica de Minas Gerais • Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - Unimontes • Centro de Ciências Biomédicas - Fundação Universidade Federal de Uberlândia • Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais • Cooperativa Editora e de Cultura Médica • Faculdade de Ciências Médicas Dr. José Antônio Garcia Coutinho • Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais • Faculdade de Ciências Médicas da Unifenas • Faculdade de Medicina de Barbacena • Faculdade de Medicina de Itajubá • Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora • Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais • Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro • Sindicato dos Médicos do Estado de Minas Gerais

Editor Geral: Enio Roberto Pietra Pedroso

Editores Associados: Enio Cardillo Vieira • Ennio Leão • Francisco José Penna • Joel Alves Lamounier • Manoel Otávio da Costa Rocha • Maria Isabel Toulson Davisson Correia

Conselho Editorial: Alcino Lázaro da Silva - Belo Horizonte (MG) • Aluizio Prata - Uberaba (MG) • Ana Maria Arruda Lana - Belo Horizonte (MG) • Carlos Mauricio F. Antunes - Belo Horizonte (MG) • Edmund Chada Baracat - São Paulo (SP) • Elsa Regina Justo Giugliani - Porto Alegre (RS) • Fausto Edmundo Pereira - Vitória (ES) • Fernando Antônio Menezes da Silva - Boa Vista (RR) • Geraldo Brasileiro Filho - Belo Horizonte (MG) • Giselia Alves Pontes da Silva - Recife (PE) • João Pereira Leite - Ribeirão Preto (SP) • José Eduardo Dutra de Oliveira - Ribeirão Preto (SP) • Júlio Sergio Marchini - São Paulo (SP) • Luiz Gonzaga Vaz Coelho - Belo Horizonte (MG) • Maria Ermelinda Camilo - (Lisboa-Portugal) • Maria Inês Boechar - Los Angeles (EUA) • Mauro Fontelles - Belém (PA) • Miguel Tânis Jorge - Uberlândia (MG) • Nilce Mitiko Matsuda - São Paulo (SP) • Paulo César Brandão Veiga Jardim - Goiânia (GO) • Ricardo Bastos - Juiz de Fora (MG) • Ricardo Queiroz Gurgel - Aracaju (SE) • Ricardo Shoití Komatsu - Marília (SP) • Tânia Torres Rosa - Brasília (DF)

Conselho Administrativo: Adelino Moreira de Carvalho • Castinaldo Bastos Santos • Cristiano Gonzaga da Mata Machado • Davidson Pires de Lima • Edson Luiz Fernandes • Francisco Ernesto Barbosa Filho • Geraldo Brasileiro Filho • Geraldo Luiz Moreira Guedes • José Olindo Duarte Ferreira • José Orleans da Costa • Francisco Marcos Barros • Sérgio Visoni • Valéria Bonetti

Diretor Executivo: Marco Antônio Gonçalves Rodrigues

Secretária e Normalização Bibliográfica: Maria Piedada Fernandes Ribeiro Leite

Editora: Cooperativa Editora e de Cultura Médica Ltda. (Coopmed)

Capa, projeto gráfico, composição eletrônica e produção: Folium

Periodicidade: Trimestral

Tiragem: 5.000 exemplares

Correspondência e artigos

Editora Coopmed
Revista Médica de Minas Gerais
Av. Alfredo Balena, 190
30130-100 • Belo Horizonte • MG • Brasil
Fone: (31) 3273-1955 Fax: (31) 3226-7955

ISSN: 0103-880x
Disponível na Internet: www.bibliomed.com.br
www.coopmed.com.br

Publicação Indexada na LILACS - Literatura Latino Americana em Ciência da Saúde

A postagem desta revista é paga pelo CREMEMG

As despesas de produção desta revista são pagas pela Unimed-BH, Credicom, Pró-reitoria de Pesquisa da UFMG e CNPq

Rev Med Minas Gerais 2004; 14(4):215-290

Editorial

Desnutrição versus obesidade: o paradoxo nutricional

Recentemente a mídia divulgou os resultados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (2002-2003) do IBGE mostrando que, em 2003, o excesso de peso afetava 41,1% dos homens e 40% das mulheres, correspondendo a 38,8 milhões de brasileiros adultos. O mais intrigante é que a sua frequência na população supera em oito vezes o déficit de peso entre as mulheres e em quinze vezes o da população masculina. Num universo de 95,5 milhões de pessoas de 20 anos ou mais de idade há 3,8 milhões de pessoas (4,0%) com déficit de peso e 38,8 milhões (40,6%) com excesso de peso, das quais 10,5 milhões são consideradas obesas. Esse padrão se reproduz, com poucas variações, na maioria dos grupos populacionais analisados no País. A população adulta brasileira, quando observada de forma coletiva, apresenta taxa de desnutrição de 4%, compatíveis com os padrões internacionais. Taxas entre 3% e 5% são encontradas em todas as populações não expostas a deficiências nutricionais e quando os déficits excedem os 5% considera-se que a população está exposta a risco de desnutrição.

A maioria dos estudos sobre nutrição realizados no século passado se concentrou nos aspectos da desnutrição. Atualmente, nos países desenvolvidos e naqueles em desenvolvimento que se encontram no estágio de transição nutricional (entre os quais o Brasil), esses estudos começam a investigar e verificar uma redução na prevalência da desnutrição e um predomínio do excesso de peso em crianças e adolescentes, com uma taxa de incremento deste em 1% ao ano. No Brasil, estudo com amostra representativa de crianças e adolescentes, mostrou um aumento na prevalência de sobrepeso de 4,1% a partir de 1974-1975 para 13,9% em 1996-1997. Outro estudo, utilizando referências internacionais para a identificação de déficit de peso e excesso de peso (sobrepeso e obesidade), avaliou os dados referentes a crianças e adolescentes de 6 a 18 anos de idade, oriundos de inquéritos epidemiológicos representativos da população. A análise de tendência para períodos distintos referentes ao Brasil (1975 e 1997), China (1991 e 1997), Rússia (1992 e 1998), e EUA (1971-1974 e 1988-1994) mostrou o estágio de *transição nutricional* em que se encontra a população brasileira. Neste estudo, a prevalência de excesso de peso triplicou no Brasil entre 1974 e 1997, passando de 4,1% para 13,9%; enquanto que a prevalência de déficit ponderal apresentou um declínio acentuado, reduzindo-se para quase a metade, passando de 14,8% para 8,6%. Essas alterações foram mais acentuadas no Brasil do que nos outros países participantes do estudo. Outro aspecto importante é que as crianças vêm se tornando cada vez mais vulneráveis ao excesso de peso, numa versão "júnior" da epidemia global da obesidade adulta, inclusive com a presença de *diabetes mellitus* tipo 2 cada vez mais frequente entre crianças e adolescentes, num padrão da tendência crescente. O excesso de peso nessa faixa etária tem-se associado com vários fatores de risco cardiovasculares, incluindo dislipidemia, hipertensão arterial, resistência à insulina e aterosclerose precoce.

Assim, podemos estar num país onde os dois extremos da má nutrição – desnutrição pela carência e obesidade pelo excesso – compartilham do mesmo cenário. O combate à fome tem justificativa visto que ainda existem bolsões de pobreza com desnutrição. Por outro lado, famílias tendem a incluir na alimentação alimentos de elevado valor calórico, em geral, de menor custo. A questão poderia ser vista sob o ângulo de falta de informação nutricional, o que requer enfoque na promoção da educação e não na distribuição de alimentos. Outra questão também é distribuição de renda de forma cruel, concentrada a maior parte nas mãos de uma pequena parcela da população. Estes são fatores que devem ser considerados numa análise mais profunda da questão nutricional e de suas implicações na saúde da população Brasileira. Fome zero e obesidade zero devem ser parte de uma mesma política que passa por um programa de educação nutricional e melhor distribuição de renda, para que as famílias possam ter melhor conhecimento e mais acesso aos alimentos de qualidade nutricional.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF 2002-2003. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br> >
Acesso em: 03/01/2005

Joel Alves Lamounier
Enio Cardillo Vieira
Ennio Leão


Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico